

SONIC 2 ESTREIA COM PREVISÃO DE SE TRANSFORMAR EM FENÔMENO DE PÚBLICO, MAS O CIRCUITO DE CINEMA RESERVA ESPAÇO PARA FILMES ARTÍSTICOS, COMO TRE PIANI E O PACTO

» RICARDO DAEHN

Criado numa animação que deu destaque para os frondosos espinhos azuis, o ouriço Sonic, que, há dois anos, chegou às telas de cinema, cravando uma elevada bilheteria (na ordem dos US\$ 320 milhões), retorna para estrelar *Sonic 2 — O filme*. Com potencial para alcançar a marca dos quase 500km/h, *Sonic* ganha o codinome de Justiça Azul, num novo estilo de vida, em que pretende aprofundar a integração com os humanos. Vale a lembrança de que ele chegou a Green Hills (Montana), por acaso, e teve que camuflar sua existência, durante anos, a partir de uma orientação de uma tutora chamada Garra-Longa.

Vindo de uma ilha misteriosa, Sonic — que no primeiro filme evitou o contato com seres humanos a todo custo — perpetua o poder da carga que carrega: uma porção de anéis mantidos como espécie de escudos. Na recém-chegada aventura dos cinemas, de novo, comandada pelo diretor Jeff Fowler, está disposta uma jornada que envolve guardiões de uma poderosa esmeralda. Sonic, por sua vez, segue interagindo com o policial Tom (James Marsden) e Maddie (Tika Sumpter), a dedicada companheira do agente da lei da pequena cidade em que se instala.

Megalomaniaco e irritante, o divertido personagem de Jim Carrey segue comandando, no posto de oponente de Sonic (na voz de Ben Schwartz), o bigodudo doutor Robotnik. A frente de ação, entretanto, se amplia: se no primeiro filme, Sonic era foragido de vilões e se obrigava ao isolamento; agora, o popular boneco da ação derivada dos games ganha a companhia da raposa Tails (interpretada na voz de Colleen O'Shaughnessey), e que tem origens bem distantes

O RETORNO DO FURAÇÃO AZUL

da Terra. Talentoso, simpático e divertido, Sonic se desdobra em aventuras que transbordam tons de caricatura.

Nascido do universo da franquia japonesa, com games populares por mais de 30 anos, *Sonic 2* traz — em meio à realidade da anunciada aposentadoria de Jim Carrey, aos 60 anos — a ameaça de aniquilamento da civilização. O guerreiro equidna Knuckles entra em cena, num esquema que tenta destruir Sonic. Se o primeiro filme foi orçado em US\$ 95 milhões, o segundo bateu a casa dos US\$ 110 milhões. Importante lembrar que, antes de Sonic, o diretor Jeff Fowler tinha no currículo apenas uma indicação ao Oscar de melhor curta-metragem, pela animação *Gopher Broke* (2004).

A jornada pelo mundo do protagonista colorido, que abraça apelidos de Mancha Azul até Demônio Azul, passando ainda pela alcunha de filhote de Pé Grande, tem muito menos interferências de drones, que se viram exaustivamente multiplicados no primeiro filme. Agora, ganham mais intensidade, na trama, os parceiros, e inimigos, em live-action.



Jim Carrey, às vésperas da prometida aposentadoria, encarna um vilão

ANÁLISE

Muito drama talhado em módulos

Existe uma alternância de modalidades dramáticas que permeiam a obra do premiado diretor Nanni Moretti, ora interessado numa crítica social (como em *Habemus Papa* e *O crocodilo*) e ora afundado em dramas ou comédia desenfreadamente íntimos (casos de *Minha mãe e Aprile*). Com o mais recente título, *Tre piani*, o artista italiano consegue fundir as vertentes, em doses que resultam em um filme que desperta a curiosidade, mas que não deixa de padecer, com as abruptas passagens do tempo dispostas na adaptação do texto do israelense Eshkol Nevo.

Na linha das recentes estreias brasileiras dos filmes apresentados no último Festival de

Cannes — que trouxe *Drive my car*, *Annette*, *Benedetta* e *A ilha de Bergman* —, *Tre piani* fica mais para *A crônica francesa*, comandado por Wes Anderson, a partir de um arsenal de personagens. No diferencial está a visão geralmente muito dura de Moretti. Ele, que já venceu a Palma de Ouro do Festival de Cannes, em 2001, com o pesado *O quarto do filho*, volta a falar da falta que os outros fazem para seus conhecidos, entes e amados.

Em Roma, a galeria de seus personagens é ampla, trazendo: a bela Denise Tantucci, na pele da ninfeta Charlotte; Riccardo Scamarcio, como Lucio, um homem casado com impulsos à flor da pele e Marghrite Buy, excepcional, na

Imovision/Divulgação



Cena do filme *Tre piani*: Riccardo Scamarcio é um pai repleto de contradições, no enredo

interpretação de Dora, a mãe obrigada a uma pesada decisão. Alba Rohrwacher, vivendo a solitária mãe de primeira viagem Monica, completa o time, ao lado de Alessandro Sperduti, que compõe o abjeto Andrea, jovem inconsequente e bebedor, incapaz de assumir responsabilidades.

O ponto em comum a unir os enredos está no fato de as famílias se cruzarem, a todo momento, num pequeno condomínio italiano. A interação testa os limites sociais, e, sob a máxima de a intimidade ser danosa, os personagens armam ciclos de amor e ódio. Acima das desavenças que plantam, flutuam os julgamentos que empreendem, e a verdade de algumas

situações que tratam de recriar e contaminar sem apostarem na comunicação objetiva, transparente e saudável.

Curioso é ver um diretor (e ator) do porte de Moretti acertar o tom com dramas, em grande parte, fomentados por personagens femininos. Há o pai paranoico por causa dos indícios de estupro da filha, a mãe impedida de falar com o filho, a moça que, diante da braveza do marido, tem a relação com o cunhado interdita e ainda o sofrimento de uma idosa que vê o marido difamado. Tratando de ciúmes e amor, Moretti dá conta de muita sentimentalidade e, no mesmo peso, traz à tona a importância da justiça e do senso de amabilidade (RD).

OUTRAS ESTREIAS

Rolf Konow/Divulgação



O PACTO

Foi em 1986, com os astros Meryl Streep e Robert Redford, que o produtor e diretor Sydney Polack venceu o Oscar de melhor filme, com o romântico *Entre dois amores*. Na famosa abertura, com a protagonista enunciando: “Eu tive uma fazenda na África. Eu tive uma fazenda na África, aos pés do monte Ngong”, já se notava o peso da literatura de Karen Blixen na adaptação para o cinema. É justo na figura dela que o diretor Bille August se concentra em *O pacto*, novo filme nascido de obra assinada por Thorkild Torpe. Birthe Neumann e Simon Nennebjerg encenam o retorno para a Dinamarca da famosa escritora Karen Blixen, que perdeu amor e fazenda, além de ter sucumbido à doença. Na trama, Blixen será um farol incontestável de ensinamentos para o poeta Thorkild Bjornvig, décadas mais jovem do que ela.

Bonfilm/Divulgação



CAIXA PRETA

O thriller conduzido por Yann Gozlan é encabeçado por Pierre Niney e pela lenda do cinema francês André Dussolier. Apresentado no Festival Varilux, o filme parte de um acidente aéreo ocorrido no voo Dubai-Paris. É a partir daí que a segurança na aviação civil é examinada por um personagem que levanta toda a sorte de fatores do acidente: seria falha técnica? Teria sido erro humano ou, pior, violento terrorismo?